



Anno I.

Rio de Janeiro
27 de Novembro, 1884.

N. 8.

DISTRACÇÃO

Semanario Satyrico e Humoristico

Publica-se ás Quintas-feiras.

Assigna-se na typographia do editor-proprietario J. P.
Hildebrandt, rua d'Ajuda n. 31.

Preço da assignatura : — Côrte — Trimestre 18500
Provincias — 28000. — Pagamento adiantado

Os senhores que nos quizerem honrar com pequenos artigos humoristicos, de conformidade com o programma d'esta folha, terão a bondade de remettel-os em carta fechada á redacção da DISTRACÇÃO, r. d'Ajuda, 31.

Os artigos não publicados — não serão restituídos.

Viagem de Suas Altezas Imperiaes

— Telegrammas especiaes para a^o « Distracção. » —

S. Paulo, 26 de novembro. — Suas Altezas visitaram hoje o importante estabelecimento dos Srs. A. Nogueira & Irmãos



Sr. A. J. de P. — Admira-nos muito que o Sr. nos procure para resolver uma questão que qualquer dos seus amigos resolveria com mais acerto do que nós, que somos leigos na materia.

Em materia de sociedades carnavalescas ha até partidos : segundo dizem os entendidos, ha algumas sociedades que primam pelo espirito, outras pelo luxo, outras pelo numero de socios e outras que... emfim, só vendo!

Quer um conselho ?

Vão começar os *forrobodós* e, por conseguinte, os *puffs*.

Acompanhal-os-hemos e tiraremos as conclusões que nos pede, porque nós não estamos ainda a par do movimento. O Dr. Ventosa, que ás vezes apparece por cá, é membro de uma dellas e cremos até que muito influente, porém elle só vem cá quando lhe dá na telha... ou no telhado. Si apparecer por estes dias, o Sr. está servido. Mas olhe que elle é muito imparcial, mas mesmo muito imparcial, e o que disser, está dito. Portanto, os interessados que acompanhem as suas luminosas idéas.

Sr. D. — Como queira, mas entendemos que nenhum dos dois tem razão.

Exma. Sra. D. Fifiina. — Dar-lhe-emos modas muito breve, e, para escrever sobre ellas dispomos de uma das melhores agulhas da época.

Sr. Bohemio. — Os seus versos são bons, mas não estão no genero da nossa folha. O Sr. tem geito para a coisa e si se dedicasse á risota...

Sr. Colibri. — O Sr. com certeza pertence a uma escola especial, creada pelo Sr. e para seu uso.

Até hoje poeta nenhum se lembrou de rimar *arroz* com *depois* e o Sr. deve tirar privilegio porque, emfim, a idéa não é má de todo e vae facilitar muito os fornecedores dos — *a pedidos* da imprensa grande.

Sr. Leitor. — Quinta-feira.

A DISTRACÇÃO

Rio, 27 de Novembro.

inda um episodio comico eleitoral :

O Sr. Nobre, candidato pelo 3^o districto desta Côrte, pede pela imprensa aos seus amigos, empregados na Camara Municipal, que não votem n'elle, afim de « salvarem o pão » de suas familias.

Este acto do Sr. Nobre revela, effectivamente, muita nobreza.

S. Ex. sacrifica-se ao pão das familias dos seus amigos : os seus amigos, as familias dos seus amigos e os respectivos padeiros que lhe agradeçam tanta abnegação.

Mas, si, apesar de tão piedosa recommendação, os seus amigos, empregados na Camara Municipal, forem tão seus amigos que insistam em votar em S. Ex., e os inimigos do Sr. Nobre não descarregarem sobre elles a portaria de Damocles, bom será que o illustre candidato offereça a cada um desses corajosos eleitores uma lata de manteiga, porque na realidade o pão e a manteiga são o Castor e o Pollux de um bom almoço.

Si, porém, os amigos do Sr. Nobre — que tanto o é com N maiusculo como com n minusculo — perderem o pão de suas familias por amor de convicções politicas ou de sympathias particulares, retribuam com uma boa *bolacha* tão accintoso castigo.

Quando o Sr. Saraiva arranjou a reforma eleitoral, dando provas inconcussas de um catonismo louvavel, não previu — pobre estadista ! — que o direito de votar tiraria o pão ás familias dos amigos do Sr. Nobre.

Não, nobre Nobre, não queiras subir á camara baixa por uma escada de farinha de trigo e fermento : sê para os teus amigos *pão, pão*, e, si preciso fôr, *queijo, queijo*.



TRANCOSO. — Com que então, compadre, fizeram da questão do tal *Matheus Burro* e do *Morde America* uma questão politica?

ANTUNES. — Por essa já esperava eu. O governo andou, na realidade, malissimamente, deixando passar pela malha tão grande quantidade de immigrants.

TRANCOSO. — Ah! vem você com as suas incongruências! Valha-o Deus! Pois não vê que si acolhessemos essa gente, o Rio da Prata fecharia os seus portos aos navios de procedencia brasileira?

ANTUNES. — E que tinha isso?

TRANCOSO. — Que tinha isso?! Você é um homem unico! Que tinha isso! Vá perguntal-o ao commercio!...

ANTUNES. — Que commercio nem meio commercio! Diga-me antes que a lavoura muito tinha a lucrar com a internação desses dous mil e tantos individuos. O governo, recusando dar a mão a tantos braços, neste momento de transformação de trabalho, fez uma coisa sem pés nem cabeça, mostrando não saber onde tem o nariz.

TRANCOSO. — Cale a bocca! — E o povo?

ANTUNES. — Que tem o povo?

TRANCOSO. — Que tem o... Oh! compadre, você tem perguntas que parecem esquecimentos! Pois não vê que o povo não come peixe, porque o peixe é de Angra dos Reis, e não se tem dado as providencias prophylacticas... prophylacticas ou prephylacticas... recommendadas pelo Dr. Maximiano Trovoada?! Entre o receio de aterrorisar a população e dar dous mil braços á lavoura não podia o poder publico hesitar... Segue você o meu raciocinio?

ANTUNES. — Eu sigo mas é para casa, porque o compadre, na fórma do louvavel costume, está hoje insupportavel!

A Folha Nova



arbosamente completou dous annos de existencia o estimadissimo organ da imprensa, cujo nome serve de epigraphe a este mal alinhavado artigo.

Por essa occasião a *Folha Nova* passou com armas e bagagens para o seu novo predio da rua do Ouvidor. Desejamos que ahi lhe continue a sorrir, como até agora, o favor publico.

Com franqueza...



omingo passado realisou-se, no salão do Museu Escolar, vulgo Typographia Nacional, a distribuição dos premios conferidos pelo jury da Exposição Scientifica e Litteraria.

Entre as pessoas premiadas, figuram, na secção das *Artes graphicas*, com a medalha do *progresso*, os Srs. Faro & Lino, pela bella collecção de livros que expozeram...

Com franqueza: tanto o Faro como o Lino são bons rapazes; mas não me consta que sejam typographos, nem encadernadores. Elles têm — não ha duvida — editado meia duzia de livros, alguns dos quaes impressos em Portugal. Mas com certeza não eram seus os bellos livros expostos.

Por este motivo a *Distracção* póde ser premiada pelos bonitos artigos publicados... no *Figaro*, por exemplo.

COSME.



Sob este titulo daremos a rezenha da rua do Ouvidor.

Infelizmente começamos mal: a semana esteve chuvosa; os acontecimentos e as *toilettes* não se exhibiram.

O facto mais notavel foi a mudança da *Folha Nova*. Mais um jornal na « grande arteria. » Já lá estão sete, salvo erro, e em breve a *Distracção* terá tambem que deitar sobrado á rua do Ouvidor; mas nós com a sinceridade que nos caracteriza, confessamos que por enquanto não temos nenhum predio em vista.

Com franqueza: achamos ridicula a exposição da *vitrine da Folha Nova*.

A que vem alli aquelle pandeló? aquella camisinha de criança? aquelles brinquedos?

Quando amanhã o sympathico organ do nosso amigo Manoel Carneiro publicar um daquelles solemnnes artigos de fundo, em que é tão fertil a imaginação de Mr. Berry, ninguém talvez o queira tomar a serio.

D. GOMMOSO.

Não sou má lingua

Me chamam lingua ferina,
Vou já provar que não sou;
Injusta foi p'ra commigo
Quem tão cruel me julgon,
Sem esperar p'ra mais tarde
P'ra defender-me aqui estou:

Conto apenas o que ouço
E com reservas, é visto,
Se acaso duvidas tenho,
Não affirmo á fé de Christo
Que o facto é verdade pura;
Não costumo fazer isto.

Então pergunto a quem sabe,
Por mais informado estar,
Se no caso, como é dito,
Posso e devo acreditar,
E, creia a cara leitora,
Resposta fico a esperar.

Se do silencio concluo
Claros signaes de verdade,
E' que sómente se cala
Quem, tendo sinceridade,
Toma o silencio por arma
De justa veracidade.

De mais, eu não tenho apenas
O gosto máo da censura,
Sei tambem cantar hosannas,
Contos fazer de ternura;
Bater palmas, dar applausos,
Render culto á formosura.

Sei dedicar muito affecto
Mesmo muita gratidão,
Aos felizes generosos
Das festas do coração,
Matizes de gentileza
Dos torneios da instrucção.

Tanto louvo uma *Adelaide*,
Elisabeth ou *D. Anna*,
Como flôres offereço
A *D. Percilianna*;
E palmas a *D. Helena*
De dar minh'alma se ufana.

Assim, portanto, parece-me
De sobre estar defendido,
Quem me accusou com certeza
Deve agora arrependido
Mea culpa, mea culpa
Dizer devéras sentido.

Eis pois, e julgo que basta,
Cheguei ao fim desejado;
Por ter má lingua, supponho,
Não serei mais condemnado:
Que sou catita innocente
Deve passar em julgado!...

MICRO.

O Borba

AVENTURAS DE UM BOHEMIO

VII



Um dia o Borba vio entrar n'um corredor um andador das almas, que levava na mão uma rica vara de prata.

Uma grande idéa illuminou-lhe subitamente o cerebro.

Entrou tambem, e, beijando com muita devoção a vara, pediu ao andador que lhe permittisse que elle a levasse lá acima, á familia, para beija-la tambem.

O andador accedeu.

O Borba subio até o patamar da escada; desatarrachou a vara, que se dividia em tres fragmentos como uma flauta, mettu os pedaços na algibeira do sobretudo, e desceu de novo, depois de algum tempo, para dizer ao andador :

— Lá deixei a vara para ser beijada por toda minha familia; faça favor de subir para reclamá-la; ao mesmo tempo receberá a esmola.

D'ahi a alguns instantes o andador tinha uma grande disputa com a familia, que nunca tinha visto a vara nem o Borba.

Este, pouco depois, vendia-a a peso a um ourives pouco escrupuloso.

COSME.

SPECTACULOS

Decididamente o publico embirra com os espectaculos baratos. Sua Ex. acha acertado o rifão: quando a esmola é muita o pobre desconfia.

O empresario Musella retira-se com um prejuizo de 10:000\$, e os *dilettanti* preferem ouvir o tenor Parodi quando vier contractado pelo Ferrari, e lhe custar o bilhete — a elle publico — 8 ou 10\$000.

Pois podem crer: muito perdeu quem deixou de ir ouvir a *Aida*, o *Hernani* e o *Polliuto* pela companhia Musella.

O Sant'Anna fez duas *réprises*: a da *Cauda do diabo*, velha comedia dos bons tempos da rua da Ajuda e a de *Uma noite no castello*, magnifica e deliciosa operacomica de Henrique de Mesquita, muito superior, certamente, a somnolenta *Gata borralheira*.

Tanto a comedia como a operacomica têm sido muito applaudidas, graças a Mme. Delmary, e aos Srs. Mattos, Pollero, Arêas e Lisboa.

Ainda uma *réprise*: a do *Remorso vivo*, no Recreio Dramatico, cuja empresa não tem tido rasão de queixa.

Não vimos na Phenix o *Pipelet*, do maestro Ferrari. Mas, a julgar pelo juizo da imprensa, parece que a coisa não era de todo má. O publico esse é que não tomou nada.

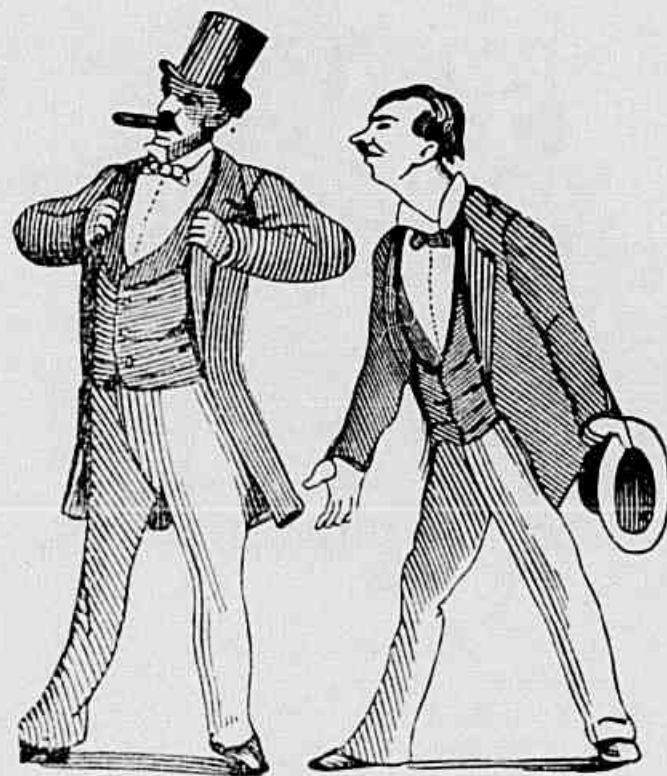
A companhia Furtado Coelho seguiu para S. Paulo, onde estreiará com a *Fédora*. Parabens aos paulistas.

Substituil-a-ha no Lucinda a companhia Torres, que annuncia o seu primeiro spectaculo com o *Ridiculo*, do conhecido dramaturgo italiano Ferrari.

* * *

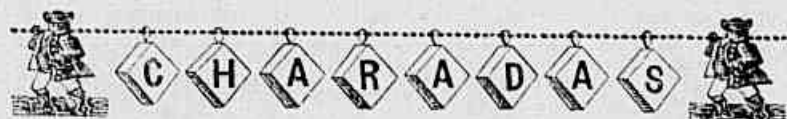
Este Ferrari nada tem de commum com o Ferrari do *Pipelet* nem com o Ferrari empresario. Na Italia ha mais Ferraris do que Silvas em Portugal ou no Brazil.

C. URSO.

A proposito das eleições

O Dr. F., candidato, corre
De porta em porta de eleitor; não cança
De pedir votos e off'recer charutos.
Thomé dos Santos Magalhães Salgado,
Amanuense de secretaria,
Fica muito espantado e boquiaberto
Ao ver quem sua casa, e todo amavel,
O futuro fagundes lhe apparece,
Dá-lhe um cheiroso havana, e leva ao ponto
A urbanidade de aceitar bondoso
A canequinha de café do estylo.
Salgado lhe promete o voto, e quando
Chega, afinal, das eleições o dia,
La vae leval-o com sinceridade.
Sae deputado o Dr. F.; alcança
Em primeiro escrutinio uma victoria
Que o leva ás nuvens e á Cadeia Velha.
Alguns mezes depois, Thomé Salgado
Na rua do Ouvidor o encontra, e logo
Respeitoso ao fagundes se dirige;
Mas este faz que não o conhece, e passa...
Pelo garbo que leva, e pelo fumo
Que o faz deitar da bocca o puro havana
Egual ao que Thomé fumado havia,
Dir-se-ia um trem de ferro, magestoso.
Thomé insiste; mas o Dr. F.,
Sem olhar para elle, lhe diz: Viva!
« Não me aborreça »: traducção á lettra.
Desde esse dia o pobre e escarmentado
Amanuense de secretaria,
Não se deixa levar por embelecões
Das eleições nas vespéras, e quando
O Dr. F. o procurou de novo,
Ha dez ou quinze dias, quando muito,
Mandou-o atraz da Sé com dous pausinhos.
E no dia primeiro um candidato,
Que o não conhece, logrará seu voto.
Não quer isto dizer que o Dr. F.
Não faça em seu favor fallar as urnas,
Pois novos tolos seduzio de certo,
Que dos tolos o numero não finda.

A



- 2—1 Na geometria e na gaveta existe um templo.
 1—2 O signal do jogo está no navio.
 1—1 No mar move-se este insecto.
 1—2 Movem-se em liberdade os insectos.
 2—2 A lança bem limpa é uma arma.
 2—2 E' tão doce a mulher querida!

Oinegue Santos.

- 2—2 Tem nome igual mas está longe do leitor.
 1—2 O' pronome! Já que és titular, sabes nadar?
 1—1 O homem do proonme illude.
 1—1 A primeira do homem é lesta.

Zé da Luz.

Em verso

Oh! Musa cruel, mesquinha,—1
 Vem me dar inspiração,—2
 Pois se pego na varinha
 Lá vae desafinação.

Em quadro

Menina bella, formosa
 Como a mais candida flor,
 Não me desprezes vaidosa,
 Oh! Protege o meu amor!

Oinegue Santos.

Em terno

Foi seduzida, coitada!
 E quando eu disse: — Não vás!
 Já ella estava alugada!

J. D. Dias

O premio é o mesmo. Aceitam-se as decifrações na proxima 2ª feira.

Pois creiam os leitores que ninguem foi capaz de decifrar as charadas do numero passado.

Ninguem!

Elles (charadistas) bem quizeram, coitados, mas andaram á legua e meia da certeza.

Apenas uma senhora aproximou-se, mas ainda assim não acertou.

Veremos agora si com estas de hoje elles fazem alguma coisa.

Si não fizerem é porque...

Ora pois!

Decifrações do n. 7

CHARADAS: — *Pedroza, Tijuca, Tapioca, Riachuelo, Uva e Logogripho.*

ENIGMA POETICO — *Nó-nó.*

Charadas em quadra:

1. ^a M O L A	2. ^a L U L A	Em terno: I D A D A R A R O
O D O R	U N I R	
L O G O	L I D E	
A R O S	A R E A	

PERGUNTAS PROBLEMTICAS: 1.^a — A senhora tinha 5 flores e o rapaz tinha 7.

2.^a O individuo entrou na egreja com 17\$500.

LOGOGRIPHO: — *Izaura.*

Por um deploravel engano na composição sahiron duas charadas fundidas em uma só, de maneira que si não fôra o tino e perspicacia dos decifradores — que souberam ver atravez do erro, ella ainda estaria por decifrar. Visto, pois, que está já decifrada, damos uma satisfação em vez d'uma errata.

CORRESPONDENCIA

Sr. Dr. Carapuça. — Mas nem ao menos o Sr. se dá a conhecer?!

Sr. Degagê. — A 2ª pergunta e o logogripho servem logo á primeira vista. Quanto á 1ª somos de parecer que não está completa.

Sr. Oinegue Santos. — Mande mais e deixe-se de modestia. A modestia não engorda ninguem, pois não acha?

Sr. H. Caldas. — Precisam correção.

Exma. Sra. D. Urraca. — V. Ex. decifrou a charada errada e não decifrou o enigma certo, sinão...

Sr. Laurindo. — Póde bem ser que haja, mas si cortamos foi em bem do seu trabalho que ficaria prejudicado si s'hisse assim...

O Sr. deve saber que ha espirito e espirito...

Agora, uma pergunta:

Quem o ensinou a fazer charadas?

Sr. Mingote. — Foi pena que não tivesse acertado, porque em algumas o Sr. andou bem.

Sr. Stoffel. — Não foi o venturoso, mas pouco lhe faltou, como póde ver. Continue.

Sr. L. C. — Desta vez foi uma verdadeira derrota, heim?

Exma. Sra. D. Ermelinda T. Rocha. — V. Ex. nunca mais se lembrou de nós! Acaso?...

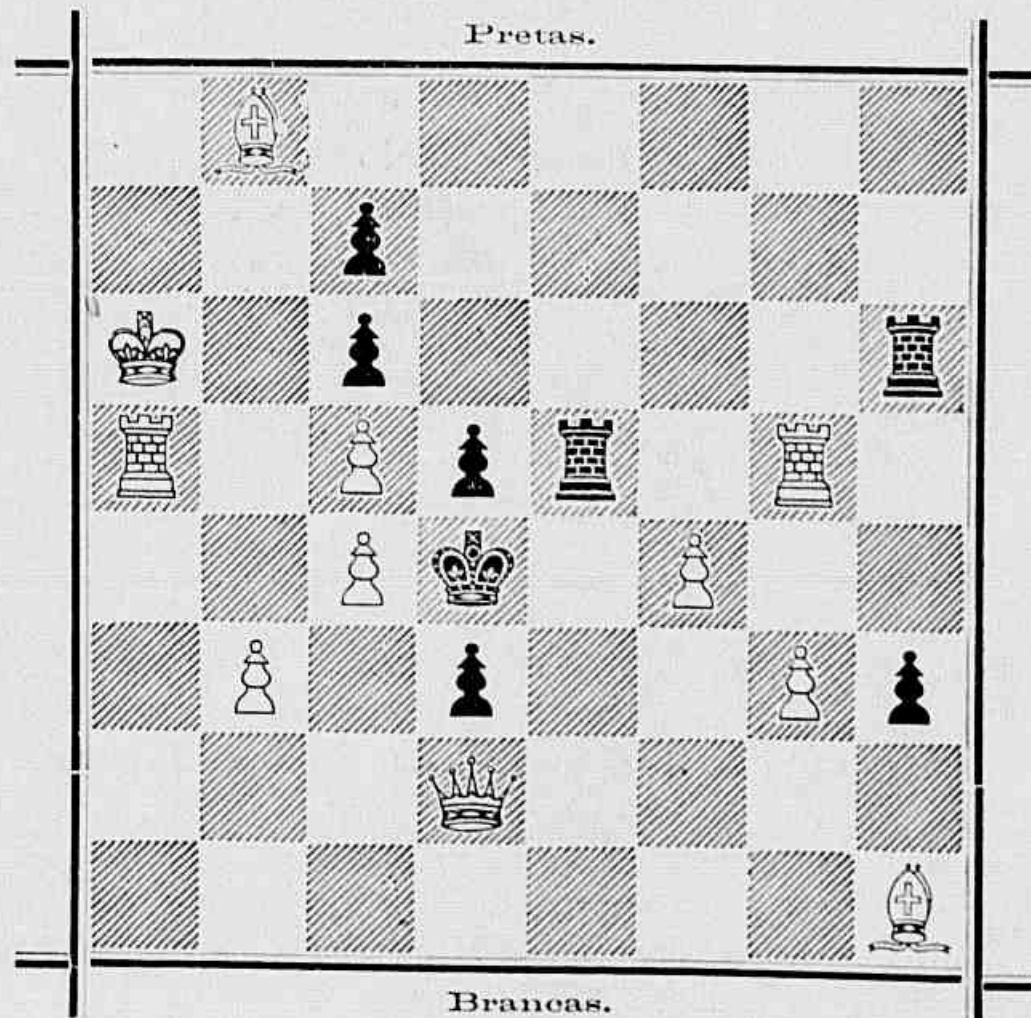
Si V. Ex. quizer ter a bondade de nos mandar de novo aquelle seu trabalho, ficar-lhe-emos muito agradecidos. Pedimol-o porque o original extraviou-se e nos só sabemos de cór a metade.

Seremos servidos, não?

XADREZ

PROBLEMA N. 8

POR ARTHUR NAPOLEÃO



Contos alegres

Um capricho

Em Mar de Hespanha havia um velho fazendeiro, viuvo, que tinha uma filha muito tola, muito mal educada, e sobretudo muito caprichosa. Chamava-se Zulmira.

Um bom rapaz, que era empregado no commercio da localidade, achava-a bonita; e como estivesse apaixonado por ella, não lhe descobria o minimo defeito.

Perguntou-lhe uma vez si consentia que a fosse pedir ao pae.

A moça exigio dous dias para reflectir.

Vencido o prazo, respondeu :

— Consinto, com uma pequena condição.

— Qual ?

— Que o seu nome seja impresso.

— Como ?

— E' um capricho.

— Ah !

— Emquanto eu não vir o seu nome em lettra redonda, não quero que me peça.

— Mas isso é a coisa mais facil...

— Não tanto como suppõe. Note bem que não se trata de sua assignatura, mas do seu nome. E' preciso que não seja coisa sua.

Epidauro, que assim se chamava o namorado, parecia não ter comprehendido.

Zulmira accrescentou :

— Arranje-se !

E repetio :

— E' um capricho.

Epidauro aceitou resignado a singular condição, e foi para casa.

Ahi chegado, deitou-se ao comprido na cama, e, contemplando as pontas dos sapatos, começou a imaginar por que meios e modos faria publicar o seu nome.

Depois de meia hora de cogitação, assentou em escrever uma correspondencia anonyma para certo periodico da Còrte, dando-lhe graciosamente noticias do Mar de Hespanha.

Mas o pobre namorado tinha de lutar com duas difficuldades : a primeira é que em Mar de Hespanha, naquelle tempo como hoje, nada succedia digno de menção ; a segunda estava em como encaixar o seu nome na correspondencia.

Afinal conseguiu encher duas tiras de papel de noticias deste jaez :

« Consta-nos que o rev. padre Fulano, vigario desta freguezia, passa para a de tal parte. »

Ou :

« O Illm. Sr. Dr. Beltrano, juiz de direito desta comarca, completou ante-hontem 43 annos de idade. S. S., que se acha muito bem conservado, reunio em sua casa alguns amigos. »

« Tem chovido bastante estes ultimos dias. »

Etc., etc.

Entre estas modestas novidades, o correspondente espontaneo, depois de vencer um pequenino escrupulo, escreveu :

« O nosso amigo Epidauro Pamplona tenciona estabelecer-se por conta propria. »

Devidamente sellada e lacrada, a correspondencia seguiu, mas...

Mas não foi publicada.

O pobre rapaz resolveu tomar um expediente e o trem de ferro.

— A' Còrte ! á Còrte ! dizia elle consigo ; alli, por fás ou por nefas, ha de ser impresso o meu nome. E veio para a Còrte.

Da estação central dirigio-se immediatamente ao escriptorio de uma folha diaria, e formulou graves queixas contra o serviço da estrada de ferro. Rematou dizendo :

— Póde dizer, Sr. redactor, que sou eu o informante.

— Mas quem é o senhor ? perguntou-lhe o redactor, molhando uma penna ; o seu nome ?

— Epidauro Pamplona.

O jornalista escreveu ; o queixoso teve um sorriso de esperanza.

— Bem. Si fôr necessario, cá fica o seu nome.

Queria ver-se livre d'elle : no dia seguinte, nem mesmo a queixa veio á lume.

Epidauro não desesperou.

Outra folha abriu uma subscrição não sei para que victimas ; publicava todos os dias a relação dos contribuintes.

— Que bella occasião ! murmurou o obscuro Pamplona.

E foi levar 5\$ á redacção.

Com tão má letra, porém, assignou-se, e tão pouco cuidado tiveram na revisão das provas, que sahio :

Epiphânio Peixoto..... 5\$000

Epidauro teve vergonha de pedir errata, e assignou mais 2\$.

Sahio :

« Com a quantia de 2\$, que um cavalheiro hontem assignou, prefaz a subscrição tal a quantia de tanto, que hoje entregamos etc. Está fechada a subscrição. »

Uma reflexão de Epidauro :

— Oh ! si eu me chamasse José da Silva ! Qualquer nome igual que se publicasse, embora não fosse o meu, poderia servir-me ! Mas eu sou o unico Epidauro Pamplona...

E era.

Dahi talvez o capricho de Zulmira.

Uma folha caricata costumava responder ás pessoas que lhe mandavam artigos, declarando os nomes no *expediente*.

Epidauro mandou uns versos, e que versos ! A resposta dizia: « Sr. E. P. — Não seja tolo. »

Como ultimo recurso, Epidauro apoderou-se de um queijo de Minas á porta de uma venda, e deitou a fugir, mas a fugir como quem não pretendia evitar os urbanos, que apparecêra logo. O proprio gatuno foi o primeiro que apitou.

Levaram-o para uma estação de policia.

O official de serviço ficou muito admirado de que um moço tão bem trajado furtasse um queijo, como qualquer vagabundo reles,

— Estudantadas... reflectio o militar ; e voltando-se para o detido :

— O seu nome ?

— Epidauro Pamplona ! bradou com triumpho o namorado de Zulmira.

O official accendeu um cigarro o disse com ar paternal :

— Está bem, está bem, Sr. Pamplona. Vejo que é um moço decente... que cedeu a alguma rapaziada.

Elle quiz protestar.

— Eu sei o que isso é ! atalhou o official. De uma vez em que eu ia de sucia com uns camaradas meus pela rua do Ouvidor, tirámos á sorte qual de nós havia de furtar uma lata de goiabada á porta de uma confeitaria... Já lá vão muitos annos !

E em outro tom :

— Vá-se embora, moço, e trate de evitar as más companhias.

— Mas...

-- Descance : o seu nome não será publicado.

Não havia replica possivel ; demais, Epidauro era por natureza acanhado.

O seu nome, escripto entre o dos vadios e rato-

neiros, era uma arma poderosissima que forjava contra os rigores de Zulmira ; dir-lhe-ia :

— Impuzeste-me nma condição, que bastante me custou a cumprir. Vê o que fez de mim o teu capricho !

Quando Epidauro sahio da estação, estava resolvido a tudo !

A matar um homem, si preciso fosse ! comtanto que lhe publicassem as deseseis letras do nome.

Lembrou-se de prestar exame na instrucção publica.

O resultado seria publicado no dia seguinte.

E, com effeito, foi :

« Houve um reprovado. »

Era elle !

Tudo falhava. Procurou muitos outros meios o pobre Pamplona, para fazer imprimir o seu nome ; mas circumstancias taes o acompanhavam nesse desejo, que jamais conseguiu realisar-o.

Escusado é dizer que nunca se atreveu a matar alguém.

A ultima tentativa não foi a menos original :

Epidauro lia sempre nos jornaes :

« Durante a semana finda, Sua Magestade o Imperador foi cumprimentado pelas seguintes pessoas, etc. »

Lembrou-se tambem de ir comprimentar Sua Magestade.

— Chego ao paço, pensou elle, dirijo-me ao Imperador e digo-lhe : Um humilde subdito brasileiro vem comprimentar Vossa Magestade, — e saio.

Mandou fazer casaca ; mas no dia em que devia ir a S. Christovam, teve febre e cahiu de cama.

*
*
*

Voltemos a Mar de Hespanha :

Zulmira está sentada ao pé do pae. Acaba de lhe contar a condição que impuzera a Epidauro. O velho fazendeiro ri-se a bandeiras despregadas.

Entra um pagem.

Traz o *Jornal do Commercio*, que tinha ido buscar á agencia do correio.

A moça percorre a folha, e vê, afinal, publicado o nome de Epidauro Pamplona.

— Coitado ! murmura tristemente ; e passa o *Jornal* ao velho.

E' no obituario :

« Epidauro Pamplona, 23 annos, solteiro, mineiro. — Febre pernicioso. »

O fazendeiro, que é estúpido por excellencia, acrescenta :

— Coitado ! foi a primeira vez que *vio* publicado o seu nome.

A. A.